

A VOLTA AO MUNDO QUANDO TINHAS 30 ANOS / 2018

um filme de Aya Koretzky

Realização e Imagem: Aya Koretzky / **Argumento:** Aya Koretzky com a colaboração de Miguel Clara Vasconcelos / **Fotografia:** Aya Koretzky, André Santos / **Som:** Miguel Clara Vasconcelos / **Misturas e Montagem de Som:** Pedro Góis / **Montagem:** Tomás Baltazar / **Música:** trechos de J. S. Bach, Saint-Saëns, Brahms, Haendel, Chopin, Beethoven; António Fragoso; improvisações de Paulo Abreu, José Vieira e Aya Koretzky / **Com:** Jiro Koretzky, Anna Koretzky, Ary Koretzky de Vasconcelos, Kate Sargaço Gomes, Atsushi Sugita (voz).

Produção: C.R.I.M. Produções Audiovisuais (Portugal) / **Produtores:** Joana Ferreira, Isabel Machado / **Cópia:** em DCP (original em 16mm), cor, legendada em português / **Duração:** 110 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

com a presença de Aya Koretzky

“O Outono chega sempre sem ninguém o ver...”

Prosseguindo a mesma via autobiográfica que a sua primeira longa-metragem (**Yama No Anata / Para Além das Montanhas**, 2011), Aya Koretzky prolonga em **A Volta ao Mundo Quando Tinha 30 Anos** uma sensibilidade raramente vista no cinema português. Se o filme anterior nos convidava a olhar para a história da mudança da família da realizadora de Tóquio para Portugal, quando esta ainda era pequena, esta segunda longa-metragem baseia-se na viagem à volta do mundo realizada pelo seu pai quando este tinha trinta anos que, no fundo, é um excelente pretexto para Aya o retratar.

Partindo de um imenso diário de viagem e de um conjunto de fotografias tiradas por Jiro Koretzky na viagem que este realizou em 1970, que serão reinterpretados à luz de um diálogo entre filha e pai no presente, **A Volta ao Mundo Quando Tinha 30 Anos** reproduz essas imagens de um outro tempo para as actualizar, imbricando-se os arquivos familiares com outras imagens filmadas do quotidiano do pai, formando-se assim uma coalescência de temporalidades. Esta é uma das grandes qualidades de um filme que, desenvolvendo-se em dois tempos paralelos que ecoam um sobre o outro, nos devolve uma realidade complexa filtrada pelo singularíssimo olhar da cineasta.

Trata-se de uma estética temporal que muito deve a uma sensibilidade japonesa, como tão bem diagnosticou por exemplo uma autora como Christine Buci-Glucksmann na sua “L'esthétique du temps au Japon” que, no caso deste filme em particular, por vezes nos deixa um pouco desorientados, mesmo se a viagem física do pai nos é devolvida segundo uma cronologia linear.

Retrato de uma viagem pelo mundo fora, trata-se sobretudo de uma viagem associada ao culminar de uma vida bem preenchida, que tem um certo tom de despedida. A idade de Jiro Koretzky e o facto de se encontrar à beira da cegueira, o que a dada altura impede que possa ler o seu diário, reforçam esse tom de ocaso numa obra que assume nitidamente um tom outonal. Mais para o fim de **A Volta ao Mundo Quando Tinhas 30 Anos** evoca-se a poética letra de uma antiga canção japonesa: “O Outono chega sempre sem ninguém o ver...”. Momento que rima com a belíssima carta lida no início do filme: “quando já estiveres cansado poderás voltar a tua casa e descansar junto ao teu rio”. Palavras que reforçam a circularidade do filme e de uma vida.

No fundo trata-se de um retrato do pai da realizadora e uma homenagem ao mesmo, um retrato onde a natureza e a paisagem natural têm um papel essencial, como o têm na vida de Jiro Koretzky. Importante também será o peso da sua memória (e em concreto a memória do bombardeamento de Tóquio a 10 de Março de 1945, que ditará a sua vida futura), assim como um questionamento da identidade de um pai e de uma filha que, nascidos no Japão, há muito adoptaram Portugal. São as perguntas aparentemente simples de Aya – “Pai, porque gostas tanto de jardins?” – que nos conduzem por essas outras viagens e a por uma estética japonesa de cuidado da natureza de modo a devolvê-la à sua essência, que toca questões essenciais da vida.

A Volta ao Mundo Quando Tinhas 30 Anos participa assim plenamente de uma ideia de manifesto pela beleza, evocado pelas imagens e pela voz da realizadora (face ao labor implicado na calçada portuguesa), mas também pelo quotidiano do seu pai, cujas mãos nos guiam através de um globo terrestre ou por entre as tantas plantas do jardim, que cuida com um imenso amor e dedicação. Um profícuo cruzamento de olhares e um diálogo que se prolongam muito para lá do filme.

Joana Ascensão